

A ALTERIDADE EM CARTAS ESCRITAS POR MULHERES INVISIBILIZADAS

Bárbara Luísa Teixeira Diniz da Fonseca Fulton (PIBIC//FA), e-mail:
ra84467@uem.br; Cristiane Carneiro Capristano (Orientadora-UEM), e-mail:
cccpristano@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes (CCH) / Maringá, PR.

**Área: 80100007 – Linguística / Subárea: 80101003 – Teoria e Análise
Linguística**

Palavras-chave: rasuras, alteridade, mulheres.

Resumo

Neste resumo, são apresentados resultados de pesquisa na qual foram analisadas quatorze cartas escritas por mulheres privadas de liberdade, especificamente, cartas redigidas em situação de cárcere. A pesquisa esteve voltada para o exame específico de rasuras que emergem nessas cartas. Objetivou-se investigar como se mostra, linguística e/ou discursivamente, a relação eu/outro em rasuras emergentes em enunciados escritos produzidos por essas mulheres encarceradas. O material foi analisado qualitativamente, com base em procedimentos teórico-metodológicos inspirados no Paradigma Indiciário, como formulado em Ginzburg (1989) e apresentado, por exemplo, em Suassuna (2008). Para nossa análise, tivemos como bases teóricas os trabalhos sobre rasuras de Machado (2014) e Capristano (2013) e a noção de escrita, segundo Corrêa (1997). Como resultados, observamos que a relação eu/outro se mostrou em torno da tentativa das mulheres em adequarem as (suas) escritas ao que se espera de uma carta enviada ao juiz, a partir das imagens que elas construíram da própria escrita, assim como de seu(s) destinatário(s).

Introdução

Ao olharmos para dentro do cárcere, em especial o feminino, vemos como a educação ainda é uma realidade muito distante para diversas mulheres. Segundo dados do Relatório temático sobre mulheres privadas de liberdade (BRASIL, 2019), 44,42% das encarceradas possuem o ensino fundamental incompleto. Conforme o mesmo relatório, a maior parte das mulheres presas têm menos de 45 anos. Esses dados nos fizeram perceber que estudar o encarceramento feminino é mais que apenas constatar que a desigualdade social é uma triste realidade; é dar vozes às mulheres que se encontram privadas de liberdade, que, por conta de um problema social, tornam-se

invisíveis perante a sociedade e encontram na escrita de cartas uma forma de serem ouvidas e lembradas.

Nesta pesquisa, objetivou-se investigar como se mostra, linguística e/ou discursivamente, a relação eu/outro em rasuras emergentes em enunciados escritos produzidos por mulheres privadas de liberdade, especificamente, em cartas redigidas em situação de cárcere.

Conforme Machado (2014), a rasura emerge quando o/a escrevente, ao término da escrita, faz um movimento de retorno ao que já fora escrito para, se necessário, fazer alterações, sejam elas: apagar, substituir, alterar a posição, colocar outra palavra ou até mesmo uma frase inteira. Através da rasura é possível, também, ver um sujeito inserido e emaranhado em diversas práticas discursivas orais e letradas (MACHADO, 2014).

Para Capristano (2007), o gesto da rasura e do retorno ao que já foi escrito são indícios de um sujeito capaz de distinguir a divergência entre o que foi escrito e o que deveria ter escrito e não de um/a escrevente atento capaz de evitar falhas (MACHADO, 2014).

Para a análise das cartas, nos sustentamos na noção de escrita proposta por Corrêa (1997, 2001, 2004, 2007a, 2007b, 2013, dentre outros), que trata o processo de produção escrito a partir de sua relação com o mundo e com o falado e a interligação sujeito/linguagem. Segundo o mesmo autor, o escrevente circula por um imaginário sobre a escrita, sobre o interlocutor e sobre si mesmo, durante o processo de escrita. Sendo a escrita uma prática social e historicamente determinada, ocorre no momento único e irrepetível em que um sujeito enuncia e, ao fazer isso, (re)estabelece relações com seu(s) destinatário(s) (CORRÊA, 1997).

Higashi (2018), apoiada em Bakhtin, afirma que, ao enunciarmos, tanto oral, quanto por meio da escrita ou imagens, presumimos um ou mais destinatários e a imagem que criamos desse(s) destinatário (s) será o norte que guiará nossas escolhas linguísticas e, conseqüentemente, nossa produção textual. Para a mesma autora, o destinatário é inerente a todo e qualquer enunciado.

Materiais e métodos

O material da pesquisa constituiu-se de quatorze cartas escritas por mulheres privadas de liberdade. Onze cartas¹ foram escritas entre os anos de 2014 e 2015 e, originalmente, publicadas na dissertação de mestrado intitulada *Vozes silenciadas: percepções sobre o acesso à justiça em cartas das presas* (CARVALHO, 2017). As outras três cartas² foram escritas no ano

¹ Digitalizadas e presentes no Anexo da dissertação que se encontra disponível no seguinte endereço eletrônico do Repositório Institucional da Universidade de Brasília (Unb): <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24856>.

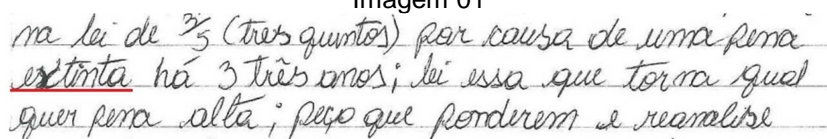
² Digitalizadas no capítulo “Catálogo de cartas” do livro que, por sua vez, está disponível através do endereço eletrônico do Departamento de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio): <https://www.jur.puc-rio.br/2019/02/01/vozes-do-carcere/>.

de 2016 e publicadas, originalmente, no livro intitulado *Vozes do cárcere: ecos da resistência política* (PIRES; FREITAS, 2018).

Em nossa pesquisa, as cartas foram analisadas qualitativamente. As análises foram inspiradas em procedimentos teórico-metodológicos definidos pelo Paradigma Indiciário, como formulado em Ginzburg (1989). No conjunto das cartas examinadas, foram identificadas 67 rasuras, com diferentes funcionamentos. Na seção seguinte, apresentamos a análise de uma rasura, a título de exemplificação do trabalho desenvolvido.

Resultados e Discussão

Imagem 01



na lei de $\frac{3}{5}$ (três quintos) por causa de uma pena
~~extinta~~ há 3 três anos; lei essa que torna qual
quer pena alta; peço que ponderem e reanalise

Fonte: dados da pesquisa

Na imagem 01, podemos observar uma rasura do tipo sobreposição, isto é, a escrevente escreveu por cima do que já havia escrito. A palavra “extinta” foi, primeiramente, grafada com “s”, porém, ao voltar-se sobre o que já havia escrito, a escrevente parece ter sido afetada pela memória de que essa palavra é, na verdade, escrita com “x” e, assim, corrigiu/reformulou/rasurou o que julgou necessário. Nessa rasura, é possível ver a escrevente circular pelas possibilidades de registro do fonema /s/ que, nas convenções ortográficas do português, pode ser registrado com diferentes grafemas: com o próprio X, como previsto em “extinção”, com S (sapo), com SS (assado), Ç (caça), SC (nascere), SÇ (nasça), Z (paz) etc.

A rasura que emergiu na escrita dessa escrevente pode, também, ser entendida como um momento de “conflito, de encontro e de uma aparente negociação do “um” com os outros (...) que o constituem e determinam a emergência dos enunciados escritos que produz” (CAPRISTANO, 2013, p. 676). Em outras palavras, são instantes particulares da relação sujeito/linguagem em que a escrevente parece negociar as possíveis maneiras de escrever alguma palavra. No caso da nossa carta, a escrevente negociava qual a forma correta de escrever a palavra “extinta”.

Quando a autora rasurou o que havia escrito, ela se mostra como preocupada com a imagem da (sua) própria escrita, muito provavelmente, por seu destinatário ser um juiz, que se supõe ter um amplo conhecimento linguístico e domínio da escrita. A escrevente busca, nessa rasura, adequar a (sua) escrita ao que ela entende como uma carta enviada a um juiz.

Conclusões

No desenvolvimento desta pesquisa, tínhamos como objetivo investigar como se mostrava, linguística e/ou discursivamente, a relação eu/outro em rasuras emergentes em enunciados escritos produzidos por mulheres privadas de liberdade, especificamente, em cartas redigidas em situação de cárcere. E pudemos observar que a relação eu/outro se mostrou em torno da

tentativa das mulheres em adequarem as (suas) escritas ao que entendiam como esperado de uma carta enviada ao juiz, a partir das imagens que elas construíram da (sua) própria escrita, assim como de seu(s) destinatário(s). Como antecipado, do total de 14 cartas analisadas, encontramos 67 rasuras. Essas rasuras, explícitas nos enunciados dessas mulheres, são marcas dos momentos de conflito entre sua própria escrita e a escrita de outrem, isto é, os momentos de negociação entre os registros de determinadas palavras, que já existiam em suas memórias, com as diferentes possibilidades de registro do *outro*.

Foi possível, também, notar a circulação dessas mulheres privadas de liberdade por um imaginário sobre a (sua) escrita, sobre o interlocutor e também sobre si mesmas, assim como a inserção das escreventes em práticas sociais orais e letradas que constituem a heterogeneidade da escrita, conforme Corrêa.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária por investir no desenvolvimento de pesquisas nas universidades brasileiras. Ademais, à Universidade Estadual de Maringá por proporcionar-me a oportunidade de realizar um PIBIC; em especial, à minha professora orientadora, Cristiane Carneiro Capristano, por todo apoio e conversa durante o desenrolar deste projeto.

Referências

BRASIL. Ministério da Justiça. **Relatório Temático sobre Mulheres Privadas de Liberdade**. Marcos Vinícius Moura Silva (org.). Brasília, 2019. Disponível em: http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/copy_of_Infopenmulheresjunho2017.pdf.

CAPRISTANO, C. C. *Um entre Outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita*. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 667-694, 2013.

CORRÊA, M. L. G. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. **Cadernos da F.F.C.**, v. 6, n. 2, p. 165-186, 1997.

HIGASHI, A. M. F. O destinatário inscrito na exposição Biomas, do Catavento Cultural. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 47, n. 3, p. 720-734, 2018.

MACHADO, T. H. S. **Rasuras Ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, 2014.